



MARIELLE FRANCO, A POTÊNCIA DA INSUBMISSÃO!

Andreia Ramos Teixeira¹

RESUMO

Este ensaio dialoga com os cotidianos de uma mulher negra em conexão com os seus primeiros contatos com a compreensão do que seria o feminismo negro a partir do entendimento do que é violência patriarcal em consonância com a potência de insubmissão da história de vida de Marielle Franco, que deixou sementes. Meus caminhos foram fortalecidos inspirado nas travessias insubmissas de mulheres negras como Carolina Maria de Jesus, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Conceição Evaristo, Sueli Carneiro e Marielle Franco, mulheres negras que na sociedade patriarcal, classista e racista em que vivemos, nos revigoram a lutar cotidianamente contra todos os modos de opressão com comprometimento na luta anticolonial, antirracista, antipatriarcal, antiLGBTfóbica, e, e-e-e. Nesse sentido, acredito na responsabilidade coletiva com um projeto político feminista radical e libertador, que alargue os sentidos de democracia, igualdade e justiça social e racial no mundo em que vivemos e que nos revigore para continuarmos lutando no coletivo por um mundo onde possamos viver em paz e com dignidade, praticando os movimentos feministas com amor revolucionário que pode mudar a vida de todes nós, trabalho de libertação mútua, de esperança e de alegria, que ecoa vida-liberdade.

Palavras-chave: Cotidianos. Feminismo negro. Mulheres negras. Resistencia. Violência patriarcal.

¹ Professora substituta do Departamento de Teorias do Ensino e Práticas Educacionais do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Trabalha com as disciplinas de Educação das Relações Étnico-Raciais, Didática e Educação e Inclusão. Doutora em Educação pela Universidade de Sorocaba (UNISO/PPGE/CAPES) e Mestra em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes/PPGE/CAPES).

ABSTRACT: This essay dialogues with the daily lives of a black woman in connection with her first contacts with the understanding of what black feminism would be based on the understanding of what patriarchal violence is in line with the power of insubmission of Marielle Franco's life story, that left seeds. My paths were strengthened inspired by the unsubmissive crossings of black women like Carolina Maria de Jesus, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Conceição Evaristo, Sueli Carneiro and Marielle Franco, black women who in the patriarchal, classist and racist society in which we live, invigorate us to fight daily against all modes of oppression with a commitment to the anti-colonial, anti-racist, anti-patriarchal, anti-LGBT phobia, and, eee. In this sense, I believe in collective responsibility with a radical and liberating feminist political project that broadens the meanings of democracy, equality and social and racial justice in the world in which we live and that invigorates us to continue fighting collectively for a world where we can live in peace and dignity, practicing feminist movements with revolutionary love that can change the lives of all of us, work for mutual liberation, hope and joy, which echoes life-freedom.

Keywords: Daily life. Black feminism. Black women. Resistance. Patriarchal violence.

RESUMEN: Este ensayo dialoga con la vida cotidiana de una mujer negra en relación con sus primeros contactos con la comprensión de lo que sería el feminismo negro a partir de la comprensión de lo que es la violencia patriarcal en línea con el poder de insumisión de la historia de vida de Marielle Franco, que dejó semillas. Mis caminos se fortalecieron inspirados en los cruces insumos de mujeres negras como Carolina María de Jesús, Lélia González, Beatriz Nascimento, Conceição Evaristo, Sueli Carneiro y Marielle Franco, mujeres negras que en la sociedad patriarcal, clasista y racista en la que vivimos, vigorizan, luchamos a diario contra todas las formas de opresión con un compromiso con la fobia anticolonial, antirracista, antipatriarcal, anti-LGBT y, eee. En este sentido, creo en la responsabilidad colectiva con un proyecto político feminista radical y liberador que amplíe los significados de democracia, igualdad y justicia social y racial en el mundo en que vivimos y que nos dinamice para seguir luchando colectivamente por un mundo en el que vivimos. pueda vivir en paz y dignidad, practicando movimientos feministas con amor revolucionario que pueda cambiar la vida de todas, trabajar por la liberación mutua, la esperanza y la alegría, que se hace eco de la vida-libertad.

Palabras-clave: Vida diaria. Feminismo negro. Mujeres negras. Resistencia. Violencia patriarcal.

Introdução

“Brasil, chegou a vez. De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês...”²

Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás. E perceber que por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia. A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda. Conceição Evaristo (2017a, p. 109-110).

Início este texto fortalecida pelo samba enredo da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira de 2019 que homenageou Marielle Franco e revigorada com a escrita da nossa griot Conceição Evaristo. Durante muito tempo pensei em escrever um texto sobre feminismo. A vontade só aumentava dia após dia. Era como um chamamento, que chegava a partir das minhas experiências e das experiências vividas pelas mulheres da minha família, ou ainda, como professora, a partir do que trazia, em rodas de conversa, alguma estudante.

Em 2020 o chamamento do edital para escrita de ensaios feministas para o Prêmio Marielle Franco foi a gota final, recebi um ‘solavanco’ que me impulsionou a exercitar a escrita tão desejada. Em meio à pandemia do Covid-19, decidi iniciar a escrita deste ensaio no inverno. No momento em que iniciava a escrita, no Brasil, estávamos perto de completar sete meses de destruição de vidas, principalmente as vidas negras, especialmente de mulheres negras, grávidas e puérperas³. Na ocasião, passava os dias recolhida em casa, exercitando o isolamento social e físico, entre viver, trabalhar, cozinhar, comer, lavar, escrever, ler, reler, reescrever, amar, caminhar pela casa, sentar, levantar, encher, esvaziar, respirar...

Meus caminhos foram fortalecidos inspirado nas travessias insubmissas de mulheres negras como Carolina Maria de Jesus, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Conceição Evaristo, Sueli Carneiro e Marielle Franco, mulheres negras que na sociedade

² Durante o texto usarei fragmentos da letra do samba-enredo do Grêmio Recreativo e Escola de samba Estação Primeira de Mangueira de 2019 que fez homenagem a Marielle Franco. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7SObzDOug_A>Acesso em: 13 fev. 2021.

³ Cf. Conselho Nacional de Saúde. Mortalidade materna por Covid entre negras é duas vezes maior que entre brancas. 20 de agosto de 2020. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1317-mortalidade-materna-por-covid-entre-negras-e-duas-vezes-maior-que-entre-brancas-diz-doutora-em-saude-durante-live-do-cns>>. Acesso em: 27 set. 2020.

patriarcal, classista e racista em que vivemos, nos ensinam, que é preciso lutar diariamente contra todos os modos de opressão. Luta anticolonial, antirracista, antipatriarcal, antiLGBTfóbica, e-e-e...

Nossa luta é encorajada e movimentada quando relembramos as palavras proferidas por Angela Davis (2016, 2017 e 2018), professora da Universidade da Califórnia e ex-militante do Panteras Negras, em uma palestra na Universidade Federal da Bahia (UFBA)⁴ que fez o seguinte apontamento:

Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, porque tudo é desestabilizado a partir da base da pirâmide social onde se encontram as mulheres negras, muda-se a base do capitalismo. (DAVIS, 2017).

Nesse movimento de luta contra todas as formas de opressão e dialogando com Sueli Carneiro (2017), “ser mulher negra coloca outras contradições, outras necessidades e outras demandas que o feminismo teria que incorporar, se quisesse representar as necessidades e os interesses do conjunto de mulheres brasileiras” (p. 19). Como disse, meu desejo foi intensificado para escrever este ensaio a partir de diversas provocações acerca da violência contra mulher e do emudecimento das muitas vítimas que são diariamente silenciadas pelo ‘machismo’, tema que tratarei mais adiante. Uma problemática extremamente importante de ser discutida, principalmente pelo alto índice de feminicídio, conforme apontam os dados⁵ no Brasil. Especialmente no estado onde resido, no qual é possível visualizarmos nas estatísticas o recorde no aumento de números de casos de feminicídio, de mulheres que são mortas por serem mulheres. Acontecimento que se agravou durante a pandemia com o aumento dos casos de violência contra a mulher⁶.

Com tudo isso, fervilharam minhas lembranças como professora, em que tomei conhecimento de casos de violência contra a mulher por meio das narrativas das estudantes, muitas vezes ditas “ao pé da orelha”, no final de uma aula e entre um intervalo:

— Professora, faltei na aula passada, porque terminei com meu namorado e ele

⁴ No dia 25 de julho de 2017, Dia da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha, Angela Davis apresentou a conferência Atravessando o tempo e construindo o futuro da luta contra o racismo, transmitida pela TVE Bahia. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2vYZ4IJtgD0>>. Acesso em: 13 fev. 2021.

⁵ Matéria sobre o Espírito Santo bate recorde de feminicídios no início de 2019. 07/03/2019. Disponível em: <<https://www.folhavoria.com.br/policia/noticia/03/2019/a-violencia-espirito-santo-bate-recorde-de-femicidios-no-inicio-de-2019>>. Acesso em: 26 jun. 2020

⁶ Violência contra a mulher em tempos de pandemia. 08/06/2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IFJPAq960sg>>. Acesso em: 27 set. 2020.

está me perseguindo, ele é da Polícia Militar. Estou com medo de sair de casa.

— Professora, meu marido não gosta que eu estude aqui, ele disse eu estou atrás de ‘macho’.

— Professora, é a primeira vez que saio de casa para uma aula de campo, só saio de casa com o meu marido, nunca sem ele...nem acredito que estou aqui...

— Professora meu noivo reclamou que eu vim para a aula de campo no sábado no centro de cidade, ele disse que é mentira, que não tem aula nenhuma que estou é querendo ver o pagode do Bar da Zilda.

Essas e tantas outras narrativas de opressão machista, escutei várias vezes durante a minha vida como professora, que se coloca com sensibilidade para escutar as estudantes que sofrem violência. Agora, no momento que escrevo este ensaio sobre feminismo e violência contra mulher, me deparo com situações bem próximas: uma amiga, recém-separada, que sofre com o sexismo internalizado, outra que sofre com o término de um relacionamento abusivo, são tantos casos. Há sempre mais uma amiga, uma parente, uma conhecida e inúmeras desconhecidas cujas vidas alimentam as estatísticas. Mulheres negras que cotidianamente tentando sair do silêncio para resistir a opressão, conforme argumenta Sueli Carneiro (2018).

A mulher negra é a síntese de duas opressões, de duas contradições essenciais: a opressão de gênero e da raça. Isso resulta no tipo mais perverso de confinamento. Se a questão da mulher avança, o racismo vem e barra as negras. Se o racismo é burlado, geralmente quem se beneficia é o homem negro. Ser mulher negra é experimentar essa condição de asfixia social. (CARNEIRO, 2018, contracapa).

Asfixias marcadas cotidianamente pelas desigualdades sociais e raciais nas trajetórias de vidas das mulheres negras, que lutam contra todas as formas de dominação e opressão como foi o caso de Marielle Franco.

Figura 1- Violência contra as mulheres.



Fonte: Arquivo Pessoal da autora. Local: Oaxaca de Juárez, Oaxaca, México, 2017.

“Brasil, meu nego deixa eu te contar. A história que a história não conta”.

“Para nós, mulheres, luta é cotidiano. Nós sentimos todos os dias os seus reflexos, quando levamos nossos filhos para a escola, e não tem aula, quando temos que trabalhar, e não tem vagas nas creches, sentimos quando somos desrespeitadas nos transportes, desvalorizadas no trabalho, assediadas nas ruas, violentadas em casa, e entre os becos vielas da favela, sobreviver é a nossa maior resistência.”⁷

Marielle Franco

⁷ Durante o texto usarei fragmentos do Documentário "Marielle Franco - A Voz Que Continua Ecoando", de João Vitor Ribeiro. 19/12/2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=t0KnNA7nkcg>>. Acesso em: 12 de julho de 2020.

Como já disse anteriormente, comecei a escrever este ensaio com o desejo de submetê-lo ao Edital do Prêmio Marielle Fraco, porém, com a pandemia e o retorno das aulas no modo remoto, o tempo foi outro, o prazo de submissão se esgotou, mas o desejo de escrever o ensaio permaneceu firme e forte.

Conheci Marielle Franco no dia 14 de março de 2018. Exatamente na data em que ela foi covardemente assassinada no Centro do Rio de Janeiro (RJ), por ser uma mulher negra defensora dos direitos humanos e das minorias. Nessa ocasião, fui profundamente tocada pela história desta mulher insubmissa. E chorei lágrimas também insubmissas. Olhos d'água com tanta violência.

14 de março cruzando vidas. Nesse mesmo dia, no ano de 1914, nasceram Carolina Maria de Jesus e Abdias Nascimento, em dois interiores diferentes, ele, em Franca, São Paulo, e ela, em Sacramento, Minas Gerais. 14 de março de 2018, Marielle tem sua vida interrompida! Memórias de resistências cruzadas pelo vir ao mundo e pela cessação completa da vida. Carolina, Abdias e Marielle, presentes!

No dia da morte de Marielle, eu retornava de uma viagem que fiz para Sorocaba, São Paulo, para participar de atividades acadêmicas. Lá, cumpri uma agenda corrida e agitada. Cheguei exausta da viagem. E logo recebi a triste notícia: “Marielle Franco e seu motorista Anderson Gomes foram assassinados”. A notícia se espalhou pelo mundo. Mais um feminicídio. Marielle Franco sofreu um feminicídio político⁸, que cessou sua corajosa progressão política.

Marielle Francisco da Silva foi uma mulher negra, ativista e feminista, que nasceu no Complexo da Maré, no Rio de Janeiro, em 1979. Ela coordenou a Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, uma instituição referência nos Direitos Humanos no Brasil. Formou-se em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), com bolsa integral pelo Programa Universidade para todos (ProUni), recebeu o título de Mestre em Administração Pública pela Universidade Federal Fluminense do estado do Rio de Janeiro (UFF/RJ), desenvolvendo uma pesquisa sobre as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPS), (FRANCO, 2018).

⁸O feminicídio político de Marielle Franco. 14 de março de 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/14/politica/1552562116_307529.html>. Acesso em: 30 de junho de 2020.

Foi eleita vereadora em 2016, com mais de 46 mil votos, comprometendo-se intensamente com as minorias, seja com a proteção das mulheres, dos grupos LGBT, dos negros e negras, moradores e moradoras das favelas. Além disso, dirigiu a Comissão de Defesa da Mulher e foi descritora da comissão responsável por acompanhar a “intervenção federal no RJ. Eram frequentes suas críticas à intervenção e aos abusos cometidos pela Polícia Militar” (FRANCO, 2018, p. 153). Marielle lutou com coragem, incansavelmente, contra todas as formas de opressão e dominação, defendendo o que ela sofria cotidianamente na pele. Sua luta era coletiva e cotidiana.

Depois de sua morte, passei a me aproximar das lutas e da sua história de vida, e isso fez com que eu adquirisse novas forças para continuar caminhando e resistindo na lida-luta cotidiana como um corpo-mulher-negra. As sementes deixadas por ela são regadas pelo mundo continuamente, porque “nossos passos vêm de longe”. O encontro com Marielle Franco me provocou a praticar a arte da escrivência inspirada na literatura de Conceição Evaristo (2016a, 2016b, 2017a, 2017b, 2017c e 2017d), e a “estilhaçar a máscara do silêncio” (EVARISTO, 2017, online)⁹, a partir de uma escrita de si, de modo autobiográfico com emoções, gestos, afetos, tensões e conflitos. Uma escrita de si povoada pelas histórias de mulheres negras.

Figura 2 – Enegrecer o feminismo.



Fonte: Arquivo pessoal. Local: Vitória, Espírito Santo, Brasil, 2016.

⁹Entrevista com Conceição Evaristo, 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/>>. Acesso em: 22. Out. 2019.

Escrevivências de uma mulher negra

“Sou força,
porque todas nós somos,
sigo,
porque seguiremos todas juntas.
Eu sou Marielle Franco,
mulher negra,
mãe da favela.
Eu sou, porque nós somos”

Marielle Franco

Escolhi escrever este ensaio sobre o tema “feminismo e violência contra a mulher” partindo da minha experiência concreta de vida e da vida de pessoas que me rodeiam. Um desejo que surgiu há um tempo, em uma conversa familiar sobre a violência que nós mulheres negras sofremos nessa sociedade do “patriarcado capitalista de supremacia branca”, como diz a escritora, professora e intelectual insurgente e inquieta, bell hooks¹⁰ (2019a, p. 20), uma mulher negra estadunidense, referindo-se a uma organização social definida pela dominação masculina, onde existe o predomínio econômico e político representado pelo poder do homem ocidental europeu branco desde a colonização (BENTO, 2014, p. 53), sistema que inferioriza e oprime tudo que está fora deste padrão de referência.

Retomando a conversa que tive com as mulheres da minha família, no calor da discussão, mamãe me perguntou:

— Minha filha, mas o que esse negócio de machismo que você tanto fala com a gente?

Essa pergunta me deixou pensativa e inquieta durante os anos em que estive cursando o doutorado em educação na Universidade de Sorocaba, interior de São Paulo.

¹⁰ “bell hooks é uma das mais importantes intelectuais feministas da atualidade. [...] Batizada como Gloria Jean Watkins, pseudônimo pelo qual ficou conhecida em homenagem à bisavó, Bell Blair Hooks, “uma mulher de língua afiada, que falava o que vinha à cabeça, que não tinha medo de erguer a voz”. [...] É autora de mais de trinta livros sobre questão de raça, gênero e classe, educação, crítica de mídia e cultura contemporânea” (hooks, 2019, p. 379). Para bell hooks, “nada tem mais importância do que as ideias e o conhecimento: “o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu”. Por isso, bell hooks escreve seu nome desta forma: somente com letras minúsculas.” Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/a-pedagogia-negra-e-feminista-de-bell-hooks/>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

Eu entendia que o machismo é uma “crença na superioridade inerente a um sexo, o que implicaria seu direito à dominância” (LORDE, 2019, p. 57), porém mamãe não tinha a mesma compreensão. De fato, ela não percebia o que eu estava dizendo, mas, mesmo sem entender, ela agiu e age contra o machismo durante toda a sua vida. Desde menina, presenciei mamãe erguendo a voz contra as injustiças e opressões de gênero, raça e classe, que ela e nós sofriamos. Preciso destacar que, ela, com todas as limitações financeiras, zelosamente cuidou de 3 filhas e 1 filho, trabalhando como faxineira nas casas de “família”, vendedora de cosméticos de porta em porta, zeladora, balconista de açougue em um supermercado e cozinheira. Tudo isso porque papai, por diversas vezes, ganhava o salário e gastava boa parte na vida mundana, nos bares, com outras mulheres.

Faz pouco tempo que passei a realmente me interessar pela questão da violência manifestada pelo meu pai e por tantos outros homens; por muito tempo fiquei pensativa desejando entender esse assunto. O que me ajudou foi o ensaio de bell hooks, “Reconstruindo a masculinidade negra” (2019b), e seu texto intitulado “Vivendo de amor (2010)”, quando a autora afirma que “nossas dificuldades coletivas com a arte e o ato de amar começaram a partir do contexto escravocrata” (Hooks, 2010)¹¹. Talvez papai seguindo o modelo hierárquico, tóxico, autoritário, reproduzia, em certos momentos, o modo violento de controle e dominação na sua relação com a família. Nesse sentido, concordo com bell hooks que diz que “coletivamente, podemos romper com masculinidade patriarcal sufocante e ameaçadora impostas aos homens negros” (Hooks, 2019b, p. 213). Assim, a tarefa de erradicar o machismo precisa ser coletiva, sendo um desafio na nossa sociedade contemporânea romper diariamente com todas as formas de violência.

Nesse movimento coletivo, a vida de luta que mamãe levou me encorajou e me fez ser mais e querer estudar para romper o ciclo de mulheres da minha família com pouca escolaridade. E, assim como Marielle Franco, que é um símbolo de luta e resistência, tantas outras mulheres, negras, periféricas, romper com as desigualdades sociais e raciais, vividas por nossas gerações que não tiveram condições de acesso e permanência nos espaços das escolas e das universidades (GOMES, 2003, 2010 e 2011; ROMÃO, 2005). Hoje, sou um corpo-mulher-negra, mãe, professora-pesquisadora desejando erguer a minha voz e, quem sabe, me tornar escritora.

¹¹ bell hooks. Vivendo de amor. 09/03/2010. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>>. Acesso em: 14 fev. 2021.

Esse desejo foi alimentado pela arte da escrivência de Conceição Evaristo. Lendo, compreendi que minha vida era como um grãozinho de areia lá no fundo do rio, e que “só tomaria corpo, só engrandeceria, se se tornasse matéria argamassa de outras vidas.” (EVARISTO, 2017d, p. 109-110). Após concluir o doutorado, percebi que precisava escrever sobre feminismo, que é um movimento de acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão de gênero, para romper com o sistema patriarcal de dominação que violenta mulheres. Para isso, foi preciso confrontar o “sexismo internalizado” (Hooks, 2019a, p. 29), e assumi-lo como “inimigo interno” que é.

Com a pergunta que mamãe me fez, percebi que precisava autorizar o texto da própria vida para poder ajudar na reconstrução das histórias das mulheres da família que viveram e vivem a violência patriarcal. Busquei ajuda do movimento feminista na esperança de libertação das amarras do patriarcado e, assim, fazer o feminismo tocar nossos corpos (Hooks, 2019a), na tentativa de transformar pessoas autorrealizadas, para criarem uma comunidade amorosa, onde todes¹² possam realizar sonhos com liberdade e justiça.

Depois desse encontro com mamãe, minha vontade de estudar se intensificou. Eu precisava compartilhar com minha mãe, irmãs, filha e sobrinhas “a alegria libertadora que a luta feminista traz para nossa vida, [...]” e continuar a trabalhar por uma mudança, que continuam a esperar o fim do sexismo, da exploração sexista e da opressão” (Hooks, 2019a, p. 7).

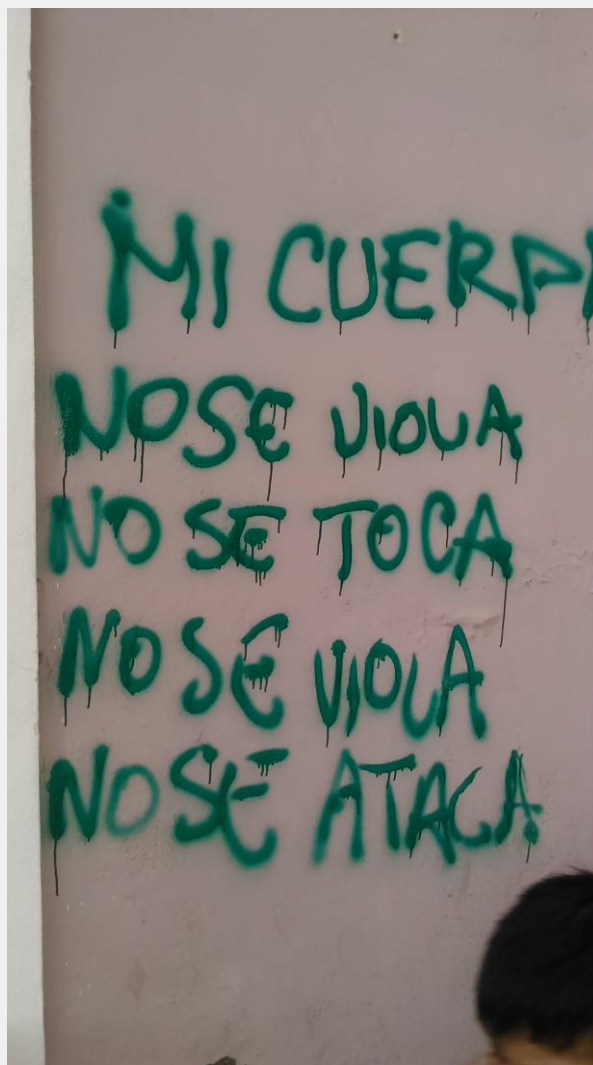
Nesse processo, recordei que desde menina fui insubmissa e manifestava rebeldia diante do que hoje eu sei o nome – pensamento patriarcal. Recordo minha agonia em saber que papai estava nervoso e todas nós ficávamos apreensivas com a chegada dele em casa, pois podia agredir fisicamente mamãe. Hoje, sei o nome disso, mamãe viveu violência doméstica, vivemos “violência patriarcal” que tem como alvo mulheres e crianças (Hooks, 2019a, p. 95).

Foi preciso fôlego para caminhar e resistir aos modos de opressão que imperam na sociedade. Assim como bell hooks (2013, p. 83), “cheguei à teoria porque estava machucada – a dor dentro de mim era intensa [...] [desejava] apreender o que estava acontecendo dentro de mim [...] Vi na teoria [...] um local de cura”. Encontrei nos meus

¹² Usaremos no corpo do texto a expressão todes que contempla todos e todas mas extrapola os limites binários de gênero homem e mulher. Mulheres (cis e trans) Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-que-sao-pessoas-cis-e-cissexismo/>>. Acesso em: 5 jul.2020.

estudos uma possibilidade de reinventar minha vida e as vidas de outras mulheres negras e seguir caminhando de outros modos.

Figura 3 - Meu corpo não se viola, não se toca não se ataca!



Fonte: Arquivo pessoal. Local: Oaxaca de Juárez, Oaxaca, México, 2017.

Histórias povoadas

“Agora, chegou a nossa vez, vamos ocupar o nosso lugar na cidade e na política, ter o que nos é de direito, nossa voz muitas vezes silenciada terá que ser ouvida. Agora é pra fazer valer.”

Marielle Franco

Nessa caminhada e encontro que tive com as ideias de Marielle Franco, eu como uma mulher negra, assim como ela, que vive e resiste diariamente aos episódios de racismo cotidianos, e, como outras mulheres negras, somos violentadas e dominadas pelos “regimes brutais de silenciamento” (KILOMBA, 2019, p. 33). Nos meus 45 anos de vida, posso denominar e identificar o racismo como “a crença na superioridade inerente a uma raça sobre todas as outras, o que implicaria seu direito à dominância” (LORDE, 2019, p. 57), como um destruidor violento dos sonhos e desejos cotidianos, meus e de outras mulheres negras. Racismo que, violentamente, se esforça para silenciar, apagar, invisibilizar as nossas vozes de mulheres negras. Racismo que me objetifica e ao qual todos os dias preciso resistir para tornar-me “sujeita” (Hooks, 2019a, p. 96) da minha própria história. Sendo assim, não sou objeto, sou sujeito que persiste, insiste e deseja estilhaçar a máscara do silêncio (KILOMBA, 2019, p. 33-34) em um processo revolucionário de libertação, pois o “racismo cotidiano nos coloca de volta em cenas de um passado colonial – colonizando-nos novamente” (KILOMBA, 2019, p. 224). Processo violento que acontece cotidianamente na vida das mulheres negras.

Uma violência colonial de herança escravocrata que aparece de modo, às vezes, sutil, nos pequenos gestos e olhares. Olhares de dominação e repressão. “Existe poder no olhar” (Hooks, 2019a, p. 215), e os olhares racistas me disseram que eu não poderia falar e escrever, que não era conveniente. O racismo me disse para eu permanecer em silêncio, mas “meus silêncios não me protegeram.” (LORDE, 2019, p. 52), e, por muitas vezes, fiquei em silêncio, não falava e nem escrevia por medo do desprezo, da censura e do julgamento, e isso me violentou, paralisou e limitou meu caminhar.

O silêncio e o medo de falar e escrever fizeram com que eu me recolhesse em um sentimento de vergonha, e passei a acreditar que não conseguiria falar e nem escrever. Para superar meus sentimentos de isolamento, procurei escutar as vozes das minhas ancestralidades, escutar a minha voz interior, e isso foi e é um ato de resistência, de autorrecuperação e autotransformação, quando alguém deixa de ser objeto e se transforma em sujeita, tornando possível que a passagem do silêncio para a fala seja um gesto revolucionário (Hooks, 2019c), uma prática de liberdade e de autoprodução de si com o mundo e no mundo.

Recentemente, quando de fato tive a oportunidade de conhecer “a história que a história não conta”, descobri depois de anos, o nome dessa violenta sabotagem que me

fragilizou e deixou uma ferida traumática no meu corpo-mulher-negra, “como a maioria das pessoas negras o faz quando fala sobre experiências cotidianas de racismo, indicando o doloroso impacto corporal’ (KILOMBA, 2019, p. 39), tudo isso me causou uma raiva justa e indignada diante do que vivi durante tanto tempo de minha vida. Com o passar dos anos, fui transformando essa crisão traumática que assombrava minha história com a fala e com a escrita, para isso foi preciso me desfazer dessa violenta sabotagem. Assim, escrever é “uma maneira de ressuscitar uma experiência coletiva traumática e enterrá-la adequadamente” (KILOMBA, 2019, p. 224). Esse processo foi e é doído, mas é essencial e precioso para que eu possa me autorizar a ser uma escritora, erguer minha voz com autonomia e fortalecer minhas experiências como mulher negra para quebrar silêncios.

Por muito tempo não reagi aos modos racistas impostos que imperavam e imperam. Mais recentemente, fui alimentando em mim um desejo de superar e reagir diante dessas questões, usando a escrita como modo de denúncia, de resistência, como um ato político-ético-estético, como fez a literatura revolucionária da escritora Carolina Maria de Jesus (2014b, 2024b), uma mulher negra resistente que ergueu sua voz e com sua escrita denunciou o racismo e todas as opressões vividas pela população abandonada pelas políticas públicas na Favela do Canindé, São Paulo na década de 1950.

Hoje, depois de anos martelando essa vontade dentro de mim, reajo com estudos, pesquisas e leituras de escritos de mulheres negras, para me revigorar e me inspirar a continuar firme no meu propósito. No presente momento, com minha consciência racial intensificada, acredito que é preciso e urgente reagir diante das sabotagens impostas violentamente pelo racismo estrutural e institucional, para recuperar a si mesmo, para reescrever, reconciliar, renovar (Hooks, 2019b, p. 73), se libertar das amarras da dominação e opressão, para se tornar sujeita na luta antirracista rumo a libertação.

Nessas travessias, acredito no gesto revolucionário de agir politicamente na tentativa de mudar e transformar o mundo (Hooks, 2019a, p. 229) para torná-lo livre das explorações sexistas, opressões e racismos. Penso que, o racismo estrutural que sabota violentamente, apaga, invisibiliza e tenta cancelar nossos desejos pela escrita e leitura, mas, nós mulheres negras não desistimos dos nossos sonhos e desejos, somos resistência e resistimos para re-existir e existir novamente. Sigamos firmes na lida-luta cotidiana.

Figura 4 – Vem lutar comigo!



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Local: Oaxaca de Juárez, Oaxaca, México, 2017.

In'conclusão de uma mulher negra insubmissa

“O mandato é composto 80% de mulheres, porque a gente entende que o lema “Uma mulher sobe e puxa a outra” precisa ser concretizado.”¹³

Marielle Franco

In'concluo este ensaio como uma mulher negra insubmissa fortalecida com as palavras do último pronunciamento de Marielle Franco feito na Sessão Plenária no dia 8 de março de 2018, no Rio de Janeiro, narrativa que nos alimenta com responsabilidade coletiva com um projeto político feminista radical (Hooks, 2015, p. 208), que seja libertador e que possa alargar os sentidos de democracia, igualdade e justiça social e racial (CARNEIRO, 2018, p. 215) no mundo em que vivemos.

¹³ Último pronunciamento de Marielle Franco - Sessão Plenária 08/03/2018. 14/03/2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SIHtY1FqYo>>. Acesso em: 8 de julho de 2020.

E assim, no carnaval de 2021, que não aconteceu por causa da pandemia, finalizo este ensaio reforçando que a nossa luta é todo dia, continuamos lutando no coletivo por um mundo onde possamos viver em paz e com dignidade, praticando o feminismo com amor revolucionário, exercitando a masculinidade feminista, a maternagem e paternagem feministas, lutando pelos direitos reprodutivos e pelo fim das violências em todas as suas formas, entre outros (Hooks, 2019a, p. 5), esse é um labor de comprometimento com os movimentos feministas que pode mudar a vida de todes nós, trabalho de libertação mútua, de esperança e de alegria, que ecoa vida-liberdade como nos ensina nossa querida Conceição Evaristo (2017c, p. 25) com seu poema “Vozes-mulheres”.

“A voz de minha bisavó ecoou
criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância,
o eco da vida-liberdade.”

Conceição Evaristo (2017c, p. 25)

Referências

- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: _____; CARONE, Iray (Orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 25-58.
- CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida. mulheres em movimento**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017.
- DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- EVARISTO, Conceição. Prefácio. In: CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Rio de Janeiro, Malê, 2016a.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016b.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017a.
- EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017b.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017c.
- EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017d.
- FRANCO, Marielle. **UPP a redução da favela em três letras: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro**. São Paulo: n-l edições, 2018.
- GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.
- GOMES, Nilma Lino. Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Souza. (Orgs.). **Epistemologia do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.p.441-464.
- GOMES, Nilma Lino. **Educação, relações étnico-raciais e a Lei 10.639/03**. 25/08/2011. Disponível em: <<http://antigo.acordacultura.org.br/artigo-25-08-2011>>. Acesso em: 6 abr.

2020.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n.16. Brasília, jan./abr. 2015, p. 193-210.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019a.

HOOKS, bell. **Olhares negros**: raça e representação. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019b.

HOOKS, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019c.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014a.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. São Paulo: SESI-SP editora, 2014b.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. 1.ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2019.

RAMOS, Andreia Teixeira. **Educação ambiental entre os carnavais dos amores com os mascarados do congo de Roda D'Água**. 2013. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, 2013.

RAMOS, Andreia Teixeira. **Mulheres no congo do Espírito Santo**: práticas de re-existência ecologista com os cotidianos escolares. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2018.

RAMOS, Andreia Teixeira. Narrativas autobiográficas de uma mulher negra: identidades sociais de raça e gênero. **Travessias**, Cascavel, v. 13, n. 3, p. 15-34, set./dez. 2019. Disponível em: <http://www.unioeste.br/travessias>. Acesso em: 17 mar. 2020.

RAMOS, Andreia Teixeira. Mulheres de Barro: análise fílmica de panelas, congo e amor. In: CAZÉ, Bárbara Maia Cerqueira (Org.). **Mulheres negras na tela do cinema**. Vitória: Pedregulho, 2020. p. 21-48.

ROMÃO, Jeruse (Org.). **História da educação dos negros e outras histórias**. Brasília: MEC/Secad, 2005